



# Imaginários urbanos e a região portuária do Rio de Janeiro: um olhar sobre os processos anteriores à reforma de 2010

Maria Teresa Guilhon Barros<sup>1</sup>

## Resumo:

No decorrer do último quarto de século, diferentes olhares se voltaram para a zona portuária do Rio de Janeiro, cada qual valorizando um aspecto distinto e transformando os projetos na região num mosaico de influências para a grande reforma atual. A aposta na reconstrução total desse território, trouxe como consequência um dos maiores movimentos de preservação e valorização histórica que se viu em cidades brasileiras nas últimas décadas, com a recuperação de sítios históricos, palacetes e sobrados, além de calçamentos originais e até objetos e ossadas de valor arqueológico. Além disso, o foco da mídia na região também fez com que moradores e frequentadores locais reavaliassem sua relação com o espaço, tornando cada vez mais comum a organização de atividades ligadas à cultura e acelerando o processo de valorização da autoestima local e inclusão da região no mapa cultural da cidade.

## Abstract:

During approximately the last 25 years, different eyes turned toward the port area of Rio de Janeiro, each look highlighting a different aspect of it and transforming the region into a mosaic of influences for the current major reform. Paradoxically, the aim of a total reconstruction of the territory, brought as a result one of the largest movements of historic preservation we saw in Brazilian cities in recent decades, with the restoration of historical sites, palaces and townhouses, as well as original pavements and even objects and bones of archaeological value. Furthermore, the focus of the media in the region also meant for local residents and regulars reassess its relationship with space, producing each time more frequently activities related to culture and accelerating the process of valuing self-esteem and inclusion of site region on the cultural map of the city.

---

<sup>1</sup> Mestre CPDOC/FGV.

Tema recorrente na mídia carioca nos últimos três anos, o projeto de revitalização elaborado para a área portuária do Rio de Janeiro tem sido considerado emblemático e legítimo representante de uma nova fase que se abre na história da cidade, por oferecer, através de uma reforma urbana ampla e profunda, possibilidades de transformação do território em vários níveis.

Seguindo uma tendência global de requalificações urbanas recentes, o movimento de "apontar na direção do futuro", preservando as características marcantes do seu passado, é basicamente o que orienta as reformas dos portos nos dias de hoje. Ou seja,

refletir sobre o papel que representam como elemento de reintegração e dinamização desses espaços contíguos às áreas centrais das cidades costeiras. (Felipe Góes)<sup>2</sup>.

É difícil definir precisamente onde começa a necessidade e a vontade de transformar uma área degradada, mas podemos identificar, no caso da região portuária do Rio e Janeiro, vetores que convergem para o potencial do porto e dos bairros do seu entorno como base do imaginário de uma nova identidade carioca, que cruza a valorização do seu passado histórico da cidade com o seu potencial turístico, trazendo em si o peso e a responsabilidade de deixar um legado para as gerações futuras.

Polêmico desde que as autoridades municipais iniciaram a divulgação das etapas previstas para execução, o projeto de revitalização do porto, ou projeto Porto Maravilha, frequenta a agenda do desenvolvimento da cidade há muitos anos e é, na verdade, a conclusão de um longo processo de debates e embates entre várias instâncias. Essa agenda nos remete a um momento inicial que pode ser localizado há cerca de vinte e cinco anos atrás, quando surgiram as primeiras propostas voltadas para a recuperação da região, depois de algumas pesquisas de arquitetos, historiadores e artistas terem chamado a atenção para o patrimônio urbanístico e cultural ali presente.

### Os bairros portuários e a conexão com o centro

Por uma série de razões ligadas à desindustrialização que atingiu vários lugares do mundo nessa época, o centro da cidade sofreu um processo de esvaziamento, a partir da segunda metade do século XX. As várias reformas urbanas de caráter modernizador, que abriram e modificaram ruas e espaços de circulação, vinham sempre acompanhadas de muitas desapropriações e demolições, que iam deslocando e apagando importantes pontos de referência como o Morro do Castelo e o Palácio Monroe. A decadência da área central se iniciou, portanto, quando a população das camadas mais altas abandona os sobrados do início do século para habitar os novos bairros mais ao sul.

---

<sup>2</sup> Ex-Secretário Municipal de Desenvolvimento, em texto de apresentação do livro Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária.

Além disso, depois de ter sido a capital da nação por 200 anos, a cidade perdeu em 1960 o posto para Brasília, a cidade modernista e planejada com a proposta de levar o desenvolvimento para o interior. Posteriormente ainda haveria a fusão da cidade, então Estado de Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, imposta pelo governo militar.

As consequências desta degradação não se resumem aos aspectos econômicos. O centro também possui importância simbólica: é onde se concentra normalmente grande parcela de patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. A sua degradação produz efeitos negativos sobre a identidade e a cultura da sociedade. A decadência dos sítios históricos brasileiros, com o esvaziamento econômico e populacional e a deterioração física dessas áreas, acarreta na grande maioria dos casos e perda de parte da memória cultural do país<sup>3</sup>.

Os bairros portuários são parte da região central da cidade e, embora tenham mantido mais características residenciais que o resto do centro, refletiram a decadência que se fez sentir de maneira geral. A região hoje formada pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo teve papel fundamental na estruturação da malha urbana, identidade cultural e história popular da cidade do Rio de Janeiro.

É um dos poucos locais do centro do Rio onde o traçado urbano e as formas de uso residencial trazem, ainda hoje, a autenticidade do momento de sua produção. Seus caminhos sinuosos, suas muitas escadinhas, travessas, becos, adros, escadarias e ladeiras guardam mais de quatrocentos anos de história e são uma memória viva do “morar carioca”<sup>4</sup>.

De fato, foi a partir dessa área que a cidade cresceu até se transformar na capital do império e posteriormente da república, porém três grandes intervenções “cortaram” o desenho original do centro, delimitando e “isolando” esses bairros do resto da região: a ampliação da Estrada de Ferro Central do Brasil (ao longo da primeira metade do séc. XX), a inauguração da Av. Presidente Vargas (década de 1940) e as obras de aterramento para modernização do porto de cargas (década de 1950), que posteriormente possibilitaram a construção do elevador da Perimetral.

---

<sup>3</sup> Texto da publicação A RETOMADA DO CENTRO DA CIDADE, (Coleção Estudos Cariocas) - Nº 20030601 Junho - 2003 disponível no site [www.armazemdedados.rio.rj.gov](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov).

<sup>4</sup> Texto de apresentação do CD ROM Circuito Mauá, disponível no site [http://www.escravosdamaua.com.br/circ\\_maua.htm](http://www.escravosdamaua.com.br/circ_maua.htm).



FIG. 1. Mapa da região portuária do Rio de Janeiro

Nos anos 1970, a sociedade brasileira viveu um momento árido em todos os sentidos, depois da instalação de uma ditadura de base militar no país. Podemos dizer que, ao mesmo em que os espaços públicos e ruas se esvaziaram politicamente, o centro do Rio de Janeiro sofreu um processo de desvalorização, devido à “hegemonia do modelo de dispersão territorial e a valorização de centralidades novas a oeste” (Sérgio Magalhães, arquiteto e presidente do IAB, em artigo no jornal O Globo de 19/09/2010). Esse processo se refletiu decisivamente na região portuária, onde a onda de estagnação econômica do porto propriamente dito levou o poder público a abandonar alguns bairros à sua própria sorte.

### O Rio de Janeiro e a redescoberta do patrimônio

Dez anos depois, os anos 1980 testemunharam novos ares, tanto no processo político nacional como na valorização da identidade carioca.

Por volta dessa época, a realidade da globalização, e sua ameaça implícita de perda de identidades locais, influenciou o nascimento de diversos projetos de reabilitação de centros históricos mundo afora. No fundo, começou a ficar cada vez mais clara a conexão direta entre memória e identidade cultural, que passou a organizar as diferenças entre os grupos sociais. Cresceu fortemente a tendência de valorização da memória e do passado nas sociedades contemporâneas, principalmente nos grandes centros urbanos onde as questões da diluição das fronteiras ficaram mais centrais, em consequência ao advento das novas tecnologias de deslocamento físico e comunicação. Esse fenômeno da valorização da memória e das tradições é analisado por Andreas Huyssen (2000) e François Hartog (2006), que localizam justamente nos anos 1970/80 o ponto em que o “olhar modernista”, ou seja, o olhar que apontava para o futuro, iniciou um movimento de mudança, voltando-se cada vez

mais para o passado. Os discursos da preservação do patrimônio, por exemplo, estão diretamente ligados às narrativas identitárias na pós modernidade, fruto da fragmentação do sujeito e da sensação de aceleração do tempo, como explica Huyssen ao comentar as práticas atuais de memória no contexto do mundo globalizado:

Culturalmente, elas (as práticas de memória) expressam a crescente necessidade de uma ancoragem espacial e temporal em um mundo de fluxo crescente, em redes cada vez mais densas de espaço e tempo comprimidos.

Como reflexo no Brasil, os termos resgate e revitalização, entre outros como recuperação, revalorização e requalificação, passaram a fazer parte de um amplo vocabulário correntemente usado para percorrer todo um imaginário ligado ao patrimônio cultural, principalmente nos grandes núcleos urbanos. Como afirma Beatriz Jaguaribe em artigo publicado no Jornal O Globo:

"...a relevância do passado na vida contemporânea das cidades revela o teor, as vivências e os imaginários que compõem as múltiplas tessituras das experiências urbanas. As diversas maneiras pelas quais as cidades interpretam, vivenciam, descartam ou relembram seus passados assinalam escolhas e formas de significação das experiências da modernidade tardia. Sobretudo, as cidades não são apenas o compêndio de pessoas, edificações, transportes e relações econômicas, sociais e políticas. Elas também são produto da imaginação e de vivências subjetivas e coletivas. (06/08/2011)

### **Revitalizar o centro, viver a cidade**

O diálogo com o passado gera um movimento de retroalimentação, sobre o qual Cristina Meneguello fala, quando se refere, de forma geral, à preservação de edifícios públicos:

A preservação dos antigos centros ou de partes da cidade, seja no Brasil ou no exterior, exige a revisão de conceitos fundamentais como a preservação do patrimônio, o novo uso conferido às áreas preservadas e, especialmente, as diferentes interpretações do passado histórico urbano (...)

(...) A apropriação da história deve vir não apenas como "citação material" (e necessariamente visual) do passado, mas como trazendo em si a possibilidade de transformação.

Um bom exemplo das afirmações de Meneguello é a inauguração do Centro Cultural do Banco do Brasil, ou simplesmente CCBB, em 1989. Primeiro grande centro cultural ligado a uma empresa (no caso de capital público), o empreendimento foi um dos marcos do início da retomada do até então abandonado centro da cidade. Ao decidir pela restauração do prédio histórico, que havia sido a principal sede do banco na cidade, resgatando seu valor

simbólico e arquitetônico, a proposta do Banco do Brasil foi a precursora de várias outras que hoje abrigam espaços para as artes contemporâneas e para a cultura popular.

De fato, se localiza no início dos anos 1980 a fase em que começa a se esboçar a redescoberta do centro da cidade através de seu patrimônio histórico. São dessa época os primeiros projetos de intervenção visando à valorização do centro como lugar da história e da cultura locais, como o Corredor Cultural e mais tarde o SAGAS e o Distrito Cultural da Lapa.

O projeto Corredor Cultural, cuja área de abrangência e delimitações foi regulada em 1983 pelo prefeito Jamil Haddad, foi a primeira política pública em nível municipal de preservação de sítio histórico desenvolvida no Brasil e foi a primeira expressão da política que, no bojo do processo de redemocratização do Brasil, na década de 80, assistiu à passagem do planejamento tecnocrático ao planejamento participativo, marcado pela absorção das reivindicações das associações comunitárias e refletindo-se na recuperação e preservação do centro histórico e adjacências. (COMPANS, 2001)

Na esteira do pioneiro Projeto Corredor Cultural e anterior ao bem sucedido Distrito Cultural da Lapa, o projeto SAGAS (iniciais dos três bairros portuários), segundo a arquiteta e urbanista Rose Compans “partiu da iniciativa das associações de moradores que, em 1983, preocupadas com as profundas transformações que vinham ocorrendo na área, organizaram uma série de encontros e seminários com representantes de diversos órgãos governamentais e de entidades profissionais e acadêmicas que resultou na criação do Grupo de Trabalho Comunitário e Institucional de Proteção e Valorização do Patrimônio Cultural dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo”.

O resultado mais significativo dessa iniciativa foi a reivindicação de uma nova legislação para a área e assim nasceu a APAC delimitada pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, uma das primeiras criadas pela autoridade municipal. Seu surgimento começa a despertar algum interesse na área, cuja proximidade com o porto e as atividades portuárias havia causado profunda degradação e marginalização no passado. As principais ruas da região, como a Pedro Ernesto e a rua do Livramento foram fotografada pelos arquitetos do SAGAS e uma pequena coleção de fotos dos seus prédios de valor histórico em estado precário de conservação foi publicada pelo recém criado Departamento Geral do Patrimônio Cultural.

Outro exemplo da influência de ações como o Corredor Cultural foi o processo de revitalização do bairro da Lapa, num primeiro momento através da iniciativa privada e mais tarde consolidado pelo projeto coordenado pela Secretaria de Cultura do Estado do RJ em 2000 e conhecido como "Distrito Cultural da Lapa", em que o INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) definiu e delimitou uma área que viria a receber incentivos para a preservação de imóveis e promoção de atividades culturais. Nas origens desse movimento em direção à Lapa estão a transferência do Circo Voador, antes na zona sul, para uma praça

do bairro, e a campanha encabeçada pelo próprio Circo Voador pela não demolição do prédio vizinho às suas instalações, a antiga fábrica de fogões "Fundição Progresso".

Assim como a Lapa, bairro histórico da maior importância que acabou ficando mais conhecido, em meados do século XX, por atrair a marginalidade e por abrigar atividades ilícitas, também os bairros da área portuária tinham como ícone a mal falada Praça Mauá. A fama de ser, a praça e seus arredores, habitada por prostitutas, marinheiros e jogadores foi mudando, à medida que a população carioca foi tomando conhecimento, através de diversos projetos, da existência dos bairros históricos da Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

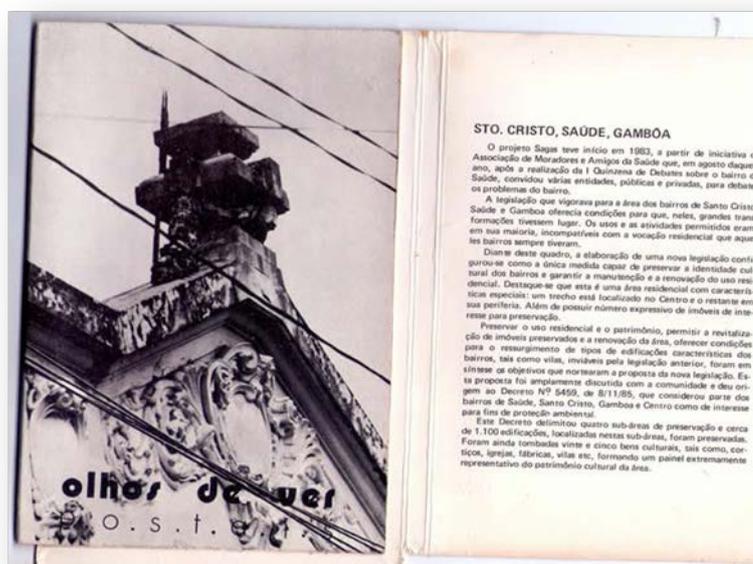


FIG. 2. Coleção de cartões postais publicada nos anos 1990 pela Secretaria de Cultura sobre o Projeto SAGAS (Saúde, Gamboa e Santo Cristo)

### **A narrativa histórica entra em cena**

Os bairros da região portuária foram os primeiros bairros da cidade a terem sua história registrada em CD-ROM, através do projeto cultural CIRCUITO MAUÁ, em 1998.

Motivado pela grande repercussão da ocupação cultural da região após a fundação do Bloco Carnavalesco Escravos da Mauá e suas primeiras ações, o projeto começou a ser articular em 1995, por integrantes da própria agremiação, que então preparavam seu quarto desfile. O bloco se reunia desde 1993 para eventos informais de samba, no Largo de São Francisco da Prinha, uma praça rodeada de prédios históricos no bairro da Saúde. Devido a

várias incursões do grupo pela região, procurando o melhor trajeto para o desfile carnavalesco, os organizadores do bloco foram tomando contato com as ruas e construções históricas preservadas pelo abandono que se multiplicam, até hoje, na área portuária, além de travar conhecimento com porta-vozes de tradições culturais que estavam reaparecendo na região.

O livro "História dos bairros - Saúde, Gamboa e Santo Cristo", constituiu na época, um importante repositório de informações sobre os bairros portuários e foi a base através da qual os organizadores do bloco fizeram as suas primeiras pesquisas sobre a região. Patrocinado pela João Fortes Engenharia, o livro editado pela Índex e organizado pela pesquisadora Elizabeth Dezousart Cardoso, fala da constituição histórica e do patrimônio dos bairros que compõem a região portuária do Rio de Janeiro.

A proximidade do Largo de São Francisco da Prainha, local escolhido pelo bloco para se reunir, com o Morro da Conceição foi outra relação que se estreitou ao longo dos primeiros anos desse projeto. Em contraste com outros morros da área ocupados precariamente pelos ex-escravos e retirantes nordestinos sem direito à moradia, o Morro da Conceição foi palco de uma urbanização mais lenta, de matriz portuguesa e com todas as características de bairro de classe média.

“Situado junto ao coração financeiro da cidade, vizinho a sua área portuária, o Morro da Conceição é reservado aos olhos mais distraídos, se esconde entre os altos edifícios e antigos armazéns. É Uma área residencial que resistiu às intenções de sucessivos planos urbanísticos que desestimularam a moradia no Centro. Penetrar seus acessos, subir por ladeiras ondulantes é iniciar-se em uma outra cadência, em uma outra atmosfera, em uma outra respiração.”

## 74 Imaginários urbanos e a região portuária do Rio de Janeiro: um olhar sobre os processos anteriores à reforma de 2010



Fig.3 - Convite para o lançamento do CD-ROM sobre a região portuária

O imaginário gerado por essa mistura, que tem de um lado ícones como a Pedra do Sal (remanescente dos trapiches onde os escravos trabalhavam) e as casas do Morro da Favela e por outro o Palácio Episcopal e a Fortaleza da Conceição, de arquitetura colonial, gerou intensa troca de informações, tanto com moradores e trabalhadores como com pesquisadores e interessados na recuperação do patrimônio e levou o grupo fundador do bloco a intensificar o propósito de reunir e disseminar o maior número de informações possíveis sobre a cultura da região, utilizando um suporte acessível através das novas tecnologias computacionais. Nesse momento, foi decisiva a possibilidade de captar recursos com as empresas privadas da região através da lei Rouanet de incentivo à cultura, que tinha apenas cinco anos de existência e começava a impactar a formatação de ações culturais locais.

Idealizado e coordenado por uma das fundadoras do bloco, a pesquisadora Eliane Costa, o CD-ROM "Circuito Mauá - Saúde, Gamboa e Santo Cristo" inclui uma coleção de livros digitais e interativos, com cinco abordagens diferentes da região portuária carioca, totalizando mais de 600 páginas de texto, 300 imagens de acervos diversos, 250 fotografias feitas especialmente para o projeto, 18 clipes de vídeo com entrevistas com moradores e personagens do lugar. Os focos principais da pesquisa são:

- Navegando pela História - por Sérgio Lamarão, historiador;
- O Espaço urbano e as Pessoas do Lugar - texto-base de Nina Rahba, arquiteta;
- Folia na Praça Mauá: Rádio Nacional, Boemia e Carnaval - por Lia Calabre, historiadora;
- Movimentos Sociais no Porto do Rio - por Carlos Augusto Addor, historiador;
- A presença do Negro no bairro da Saúde - texto-base de Roberto Moura, historiador e cineasta.

Em paralelo ao desenvolvimento da pesquisa, a coordenação do projeto promoveu na praça apresentações de antigas manifestações da região como a Capoeira de Angola, o Jongo, o Bumba-meu-Boi e o Afoxé Filhos de Gandhi.

O trabalho foi apresentado em espaços, escolas e praças da região, ajudando a propagar o que muitos não sabiam sobre a área, em termos de história, urbanização, tradições culturais, gêneros musicais e até movimentos sociais. O livro "Morro da Conceição, da memória o futuro", um detalhado e cuidadoso mapeamento da prefeitura sobre esse enclave residencial no centro da cidade, cita a apresentação do CD-ROM na praça Major Valô (no alto do Morro) acompanhado de show do Bloco Escravos da Mauá, como estratégia de diálogo proposto pela então administradora regional, a arquiteta Nina Rahba, com os moradores.

Nesse mesmo ano, em 1998, o Morro da Conceição passou a ser considerado, separadamente, em termos de revitalização, em relação ao bairro em que ele se insere, o bairro da Saúde. Também sob a coordenação de Nina Rahba, foi instalado no próprio morro um Escritório Técnico da Prefeitura, para estudar em detalhe todos os elementos arquitetônicos e socioeconômicos locais visando adequação de leis e elaboração de planos de preservação do patrimônio.

### O "sonho" em discussão

No início de 2001, o Instituto Pereira Passos lançou o Plano de Revitalização e Recuperação da Zona Portuária. Em dezembro de 2001, durante a gestão de Alfredo Sirkis à frente da Secretaria Municipal de Urbanismo, entrou em cartaz a exposição multimídia Porto do Rio, no Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. A exposição, promovida pela SMU e pelo Instituto Pereira Passos<sup>5</sup> usou design gráfico, vídeo e computadores com

---

<sup>5</sup> O Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) é uma autarquia hoje vinculada diretamente à Prefeitura Municipal, porém, na época era ligado à Secretaria Municipal de Urbanismo e o secretário Alfredo Sirkis acumulava também a sua presidência. Suas principais funções são de apoio ao desenvolvimento urbano e produção informações cartográficas, geográficas e estatísticas

programas de ponta para apresentar ao público 8 propostas de revitalização para a região portuária, que viriam a ser o embrião do projeto consolidado e começaria a ser executado quase 10 anos depois.

A exposição injetou mais combustível no imaginário em torno das possibilidades da região. O texto de apresentação da exposição, intitulado "PORTO DO RIO: USINA DE SONHOS", empunhava a bandeira a favor da revitalização da área, como afirma a arquiteta Evelise Grunow, em artigo publicado originalmente na revista PROJETODESIGN (Edição 366 Agosto de 2010). Os oito projetos apresentados foram elaborados por escritórios reconhecidos como representativos das propostas contemporâneas e inovadoras no campo da arquitetura.

Todos temos as nossas construções imaginárias para o futuro do porto do Rio. Naturalmente, mais do que ninguém, os arquitetos acalentam as suas próprias, em projetos elaborados em épocas variadas. Ao conjunto desses desejos, expressos nas pranchetas, dedicamos esta exposição<sup>6</sup>.

A exposição, focada na requalificação do espaço do porto, fazia pouca referência aos bairros de entorno. Abordava, de forma especial, os projetos bem sucedidos em termos de turismo e negócios, em metrópoles como Barcelona, Nova York e Lisboa, além do exemplo pioneiro brasileiro de Belém como centro de lazer e comércio. Uma mostra do que a arquitetura é capaz de fazer em termos de transformação urbana, ocupando vazios, renovando áreas decadentes, recriando espaços e misturando usos.

---

sobre o Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Texto de apresentação do secretário Alfredo Sirkis no catálogo da exposição Porto do Rio.



Fig.4 - Folder da exposição multimídia Porto do Rio: Usina de sonhos

Pouco tempo depois, no início de 2003, o secretário municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis abriu no auditório do Centro de Convenções RB1 o Seminário "Porto do Rio 2003" que tinha como subtítulo "Momento Atual do Programa de Revitalização". Nesse momento, pesquisas foram apresentadas com o objetivo de discutir as propostas para a criação e urbanização de pontos no entorno e nos bairros portuários, como o Morro da Conceição, a Rua Sacadura Cabral, Galerias do Porto, Cidade do Carnaval, Vila Olímpica da Gamboa, recuperação do Prédio da Portus e dos galpões da Marítima.

Mas, a mesa mais polêmica do seminário teve a participação do arquiteto francês Jean Nouvel que apresentou o projeto do Museu Guggenheim e o secretário municipal das Culturas, Ricardo Macieiras, que falou sobre a importância do empreendimento para a cidade. Segundo Paula de Oliveira Camargo:

O projeto de trazer para o Rio uma unidade do Museu Guggenheim no Pôr Mauá, no Porto, foi um dos passos dados pela prefeitura no sentido de revitalizar a região a partir de projetos com potencial cultural.

O então prefeito, Cesar Maia, "ancorou" todo o projeto de investimentos do porto na presença desse grande ícone da arte na região, mas a estratégia acabou se mostrando arriscada, pois o projeto suscitou inúmeros questionamentos, principalmente no que se referia à aplicação da verba pública num "monumento turístico", dada a situação de precariedade e carência em que se encontravam os principais espaços públicos da cidade. As críticas disparadas por formadores de opinião e pela mídia enfraqueceram politicamente o projeto e a prefeitura desistiu da sua implantação, conseqüentemente adiando mais uma vez "o sonho da revitalização do porto". (CAMARGO, 2011)

Entre 2007 e 2009, uma pesquisa de âmbito acadêmico coordenada pela socióloga e urbanista Maria da Silveira Lobo, com apoio de várias instituições, ouviu grande parte dos moradores dos bairros portuários através de grupos focais com o objetivo de analisar a "Participação Comunitária e Sustentabilidade Social no Projeto Urbano do Porto do Rio". Como desdobramento paralelo a esse extenso trabalho, foi realizado um cuidadoso levantamento de projetos sociais e culturais, instituições de ensino e saúde, associações de moradores e de profissionais, e serviços de utilidade pública oferecidos na região. O resultado foi a materialização, em 2010, da publicação Guia do Cidadão do Porto do Rio de Janeiro, com endereços, fotografias, mapas e descrição das organizações pesquisadas.

Em 2010, o "velho" projeto de reforma e requalificação urbana do porto ganhou novo combustível, a partir da união das esferas municipal, estadual e federal em torno da eleição da cidade do Rio de Janeiro para sede das Olimpíadas de 2016. O projeto Porto Maravilha começou a operar na região e nesse mesmo ano, apresentei o meu projeto de pesquisa ao Programa de Pós Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/FGV, que tomou como ponto de partida a minha ligação a um movimento cultural ativo na região há 20 anos, o Bloco de Carnaval Escravos da Mauá.

A intenção da pesquisa, orientada pela professora Mariana Cavalcanti, foi a de mapear os processos que geraram a ligação de uma atividade cultural, como o bloco, à noção de recuperação da identidade e autoestima local, visto que, no início da década de 1990, a zona portuária era uma região marginalizada e degradada da cidade. No decorrer da pesquisa, que contou com entrevistas e análise de documentos de acervo de outros blocos da mesma época, surgiu a iniciativa de organizar o material coletado sobre o "novo" Carnaval de rua (os blocos fundados a partir da redemocratização política) e publicar num site na internet, o portal Blocos. Esse espaço virtual especializado, cujo objetivo é disponibilizar pesquisas acadêmicas e acervo dos blocos de rua, é um trabalho que ainda está em processo de configuração.

O Bloco Escravos da Mauá criou em 2010 o projeto "Uma prainha em alto mar", uma grande articulação com as organizações que trabalham com cultura na região para a promoção do desenvolvimento através da arte, tendo como contexto e instrumento o Carnaval de rua. Através das oficinas pré-carnavalescas realizadas em parceria com essas organizações, o bloco apoia a sustentabilidade dos grupos culturais que estão há muito tempo na região e sobrevivem com dificuldade.

No projeto, levado a cabo em articulação com a comunidade, todas as ações convergem para o desfile e têm como objetivo específico a excelência artística do cortejo. Em sentido amplo, porém, a ideia é que tais oficinas integrem-se de forma orgânica nas atividades regulares dessas instituições (que têm vida e projeto próprio e transcendem de longe a colaboração episódica que dão ao bloco), contribuindo para a transformação do território pela arte.

Em 2012, a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de

Janeiro (CDURP), responsável pelas obras do Projeto Porto Maravilha, lançou o primeiro edital de fomento específico para projetos culturais sediados na zona portuária. O apoio específico às manifestações locais surgiu como contrapartida imposta à venda do potencial de construção imobiliária na região e fez com que vários coletivos que lá resistem viessem a buscar uma forma de organização que tornasse viável a interlocução com o poder público, na direção de uma atuação mais participativa junto ao processo decisório, fundando uma associação chamada ComDomínio Cultural, da qual o bloco Escravos da Mauá é signatário. Esse é apenas um dos muitos fóruns comunitários que vêm conquistando importante espaço na interface do Projeto Porto Maravilha com a cultura, criando as bases para uma ocupação futura que dialogue com os movimentos de preservação do patrimônio imaterial na cidade e com os movimentos da arte pública.

### Bibliografia:

CAMARGO, Paula de Oliveira, *As Cidades, a cidade: política, arquitetura e cultura na cidade do Rio de Janeiro* Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2011.

Compans, Rose, *Intervenções de recuperação de zonas urbanas centrais: experiências nacionais e internacionais*.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas - SMU/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *Preservar, conservar e modernizar: um novo paradigma para a reabilitação do Centro do Rio* COLEÇÃO ESTUDOS CARIOCAS Nº 20020501 Maio – 2002.

MENEGUELLO, Cristina, *O passado nas cidades do futuro*. © 2002 SBPC/Labjor Brasil: <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid20.htm>.

MAGALHÃES, Sérgio - *O Rio se Reencontra* (disponível no site Vitruvius) <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.039/3699>.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio, Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n.36. pp. 261-273.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

Laranja, Cristina. *A arte de provocar ruínas: especulações na zona portuária* (disponível em <http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=697>).

Lessa, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*: Editora Record, 2001. Coleção Metrôpoles.

Macrofunção Habitar o Centro/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *A retomada do Centro da cidade*, Nº 20030601, Junho - 2003, Coleção Estudos Cariocas em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/>.

Magalhães, Roberto Anderson de Miranda. *Distrito Cultural da Lapa*  
<http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/LapatextoSite17.10.2005.pdf>.

*Circuito Mauá, Saúde, Gamboa e Santo Cristo - Um passeio pelos bairros portuários do Rio de Janeiro*, CD-ROM publicado pela Viamonte Cultural, 1998.

Instituto Municipal Pereira Passos (<http://www0.rio.rj.gov.br/ipp/>).

Centro de Arquitetura e Urbanismo ([http://www2.rio.rj.gov.br/smu/paginas/cau\\_fotos.asp](http://www2.rio.rj.gov.br/smu/paginas/cau_fotos.asp)).

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (<http://www.inepac.rj.gov.br/>).